



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8473 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

O PAPEL DA MULHER E A MULHER NO PAPEL: UM RECORTE SOBRE OS LIVROS DIDÁTICOS DO CAMPO

Maria Luíza Lucas dos Santos - UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso

O PAPEL DA MULHER NOS LIVROS DIDÁTICOS DO CAMPO

Como mulher feminista, busco a igualdade de gênero na sociedade, e luto por ela por meio da educação. Este trabalho foi constituído em um país onde uma mulher é morta a cada duas horas e estuprada a cada 11 minutos, deixando o Brasil com a 5ª maior taxa de feminicídio do mundo, e com uma taxa alarmante de estupro. Além disso, o Brasil é o país que mais mata travestis, transexuais e transgêneros, evidenciando assim, que o país enfrenta grandes problemas relacionados à violência contra a mulher, seja ela cisgênero ou não.

Como resultado, independente das leis e das autoridades brasileiras negarem o debate sobre os temas de gêneros e da sexualidade, estas são vivências presentes no cotidiano das escolas e debatê-los é uma demanda permanente dos e das estudantes, justificando-se deste modo, a importância de estudos dentro desta temática.

Perante demandas tão atuais, escolho como artefato da minha pesquisa os livros didáticos. Assim, compreendo a relevância de examinar os livros didáticos distribuídos de forma gratuita, nas mais diversas escolas públicas do país, pertencentes ao Programa Nacional do Livro Didático e do Material Didático (PNLD) e suas variantes. Além disso, levo em conta a influência que os livros didáticos desenvolvem na construção do conhecimento, podendo influenciar, de maneira significativa, a formação das crianças sobre gênero e sexualidade, tanto de uma maneira positiva, quanto de uma maneira negativa, e por isso a necessidade de pesquisá-los.

Assim, escolhi para fazer a minha pesquisa os livros didáticos do campo utilizados por uma escola do campo localizada no município de Cáceres, Mato Grosso. A escola, que fica na mesma cidade onde realizei o meu mestrado, é resultante de lutas e conquista de assentados do movimento da Reforma Agrária, é movimentada por professoras que residem no campo e que utilizaram o livro da coleção “Novo Girassol: saberes e fazeres do campo”, distribuído pelo governo entre 2016 e 2018, pelo PNLD Campo, modalidade do PNLD

voltado para as escolas localizadas nas zonas rurais.

O PNLD Campo teve sua institucionalização no ano de 2013, fruto de luta de movimentos sociais, e representou o reconhecimento de uma concepção pedagógica própria da educação do/no campo, sendo esta definida por Caldart (2002) como uma educação que permite que o povo seja educado *no* lugar onde vive e *do* seu lugar e com sua participação. Assim, o PNLD Campo produziu até 2018 materiais didáticos específicos a essa realidade, os quais contemplavam as perspectivas dos projetos políticos pedagógicos dessas escolas, considerando suas especificidades, ampliando, desta maneira, o acesso a livros didáticos que possibilitassem práticas de ensino e aprendizagem contextualizadas (MEC, 2014). Devido ao contexto de retrocessos que temos vivenciado no Brasil, o Programa foi interrompido em fevereiro de 2018 impossibilitando dessa maneira que, professores, professoras, alunos e alunas do campo, tivessem acesso à uma educação diferenciada e específica prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Mas, porque trabalhar com a educação do campo? Por mais que sejam assuntos diversos, os estudos de gênero e a educação do campo, estes temas se encontram no campo da luta, principalmente a que se refere à aquisição de direitos. Desprezados por discursos dominantes por muito tempo, estas duas áreas avançaram nas últimas décadas, devido, principalmente, às mudanças profundas que a sociedade brasileira passou, sobretudo após a redemocratização do país.

Como resultado desse encontro das minhas temáticas, e partindo do pressuposto que “mulher” não é uma categoria estável, homogênea ou universal, essa dissertação tem por objetivo compreender como as pessoas sociabilizadas como “mulheres” são representadas nos livros didáticos da coleção “Novo Girassol: saberes e fazeres do campo”.

Sendo assim, a questão de minha pesquisa se centraliza em: como as pessoas sociabilizadas como “mulheres” são representadas nos livros didáticos da coleção Novo Girassol? Outras problematizações apresentadas são: o que essas mulheres fazem? Quantas são? Qual a importância delas? Em quais raças elas são representadas? Como as professoras que trabalham com esses materiais reagem a estas representações? Essas questões são apresentadas no sentido de colaborar para um entendimento mais aprofundado, tornando-se, deste modo, desdobramentos da primeira pergunta.

Para pensar a cerca desses questionamentos, recorri a pesquisas bibliográficas, documentais e de campo, buscando, como afirma Leal (2011), metodologias de pesquisa técnico-científica que buscam uma investigação mais poética, móvel e flexível não por isso menos rigorosa e consistente.

Desta maneira, como forma de entender as articulações históricas que envolvem a questão da mulher, trabalho na segunda seção da dissertação a *arqueologia e a genealogia dos saberes e dos poderes*, como modo de análise crítica e política, proposto por Foucault. Em vista disso, apresento que a *arqueologia* trata-se de “procedimentos de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados” (VEIGA-NETO, 2014, p. 45), e a partir disso, compreender *como* (a partir da arqueologia) e *por que* (a partir da genealogia) os discursos sobre a mulher foram constituídos perpassando, para isso, brevemente a história das mulheres no Brasil, e questões relacionadas ao feminismo, gênero e identidade, utilizando também para isso, autores e autoras como Beauvoir (2016), Louro (2003, 2008), Saffioti (2013) e Foucault (1979, 2008, 2018).

Na terceira seção utilizo o conceito de *rizoma* apresentado por Deleuze e Guattari, buscando deste modo, mostrar as metamorfoses e possibilidades outras que o livro didático do campo é capaz. Em seguida, apresento um pequeno histórico sobre o livro didático no Brasil e

os caminhos entre o PNLD e o PNLD Campo, perpassando nesta parte conceitos relacionados à educação no/do campo, e por isso utilizo autores e autoras como Caldart (2002) e Molina (2011).

Já no segundo tópico da seção, trabalho inicialmente o conceito de representação proposto por Hall (2016), onde o autor aponta que a representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos. Além disso, apresento os dados quantitativos e qualitativos de minha análise sobre os livros didáticos da coleção Novo Girassol, onde consegui reunir as seguintes informações: 61% das imagens presentes nos livros são de homens; 88% de fotografia ou pinturas de pessoas famosas ou importantes representam homens; 87% dos textos contendo curiosidades sobre pessoas famosas ou importantes representam homens; 58% das sugestões de livros para leitura são de autores homens; 65% textos literários, científicos ou informativos foram escritos por homens. Em relação figuras das mulheres foi possível analisar que: 60% das imagens são de mulheres brancas, 33% negras, 4% amarelas e apenas 3% indígenas. Já as principais atividades desenvolvidas pelas mulheres nessas imagens mostra que 31% das mulheres brincam, 26% dançam, 15% trabalham na roça, 15% realizam serviço doméstico, 7% estudam, 3% dão aula e 3% realizam compras, por outro lado as principais atividades desenvolvidas por homens são: brincar com 24%, jogar futebol com 20%, trabalhar na roça com 19%, dançar com 15%, tocar instrumento com 9%, estudar também com 9% e construir com 4%.

Percebe-se, com os presentes dados, que as mulheres ainda possuem menos espaços de representação do que os homens nos livros didáticos, e que muitas vezes os papéis que elas desempenham nesses artefatos, reforçam estereótipos de gênero, de raça e de classe.

Por fim, no terceiro tópico trago imagens de mulheres que diferem do padrão de gênero imposto pela sociedade heteronormativa, trabalhando com o conceito de linhas de fuga proposto por Deleuze, onde o fazer fugir, não é obrigatoriamente fugir dos outros, mas “fazer fugir algo, fazer fugir um sistema como se arrebenta um tubo... Fugir é traçar uma linha, linhas, toda uma cartografia” (Deleuze; Parnet, 1998, p.47).

Na quarta seção, utilizo a proposta de *narrativa* exposta por Walter Benjamin (1993) que afirma que quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história será gravada na memória do ouvinte, tanto para narrar os encontros que a visita à escola me proporcionaram, quanto para apresentar as narrativas das professoras entrevistadas.

Além disso, recorro ao conceito de *conversa* proposto por Deleuze, ao considerar a conversa como potência, como *acontecimento*, como composição, como *devir*. As *conversas* entre mim e as professoras, entre mim e a pesquisa, me compõem e permitem estabelecer uma relação potencializada com o meu devir-pesquisadora, fazendo da vontade de *potência*, invenção de outros jeitos de ser. Assim apresento ao longo do texto, as *conversas*, algumas pensadas previamente e outras como efeitos dos *encontros* que tive, além de análises feitas a partir das práticas discursivas emitidas pelas professoras entrevistadas. Para isso, utilizo autores e autoras como Deleuze (1998) Foucault (2012), Beauvoir (2016), Louro (2003), Saffioti (2013), Tomas Tadeu Silva (2012), Maldonado (2012), Elenita Silva (2010), Peripolli (2008) entre outros.

Na última parte apresento as considerações finais, momento em que mostro os comentários relativos às minhas inquietações, e busco compreender como esses autores e autoras me ajudaram na construção de uma análise das representações das “mulheres” presentes nos livros didáticos e nas falas das professoras entrevistadas. Assim, por meio das leituras que percorri para elaborar a minha

dissertação, percebi que as mulheres tem conseguido avançar em alguns aspectos das suas conquistas de direitos ao longo dos séculos, porém, ainda é preciso buscar melhores espaços e não permitir retrocessos.

Palavras-Chave: Livro didático do campo. Mulher. Representação. PNLD.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 1.; v. 2.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

CALDARTI, Roseli Saleti. Por uma Educação do Campo: traços de uma identidade em construção. In.: **Por uma Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. Brasília/DF: Articulação Nacional por uma Educação Básica do Campo, 2002. Coleção por uma Educação do Campo, n. 4.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1. (Coleção Trans).

DELEUZE, Gilles; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LEAL, Bernardina Maria de Sousa. **Chegar à infância**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. In.: **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), maio/ago. 2008.

MALDONADO, Maritza Maciel Castrillon. **Espaço Pantaneiro: cenários de subjetivação da Criança Ribeirinha**. Curitiba: CRV, 2017.

PERIPOLLI, Odimar João. **Expansão do capitalismo na Amazônia norte mato-grossense: a mercantilização da terra e da escola**. 2008. Tese. (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2008. Disponível em: . Acesso em: 10 jan. 2019.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mitos e realidades**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. **A invenção do corpo e seus abalos: diálogos com o ensino de biologia**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais. 2010. Disponível em: . Acesso em: 29 dez. 2019.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.